

**PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM ESPAÇOS INFORMAIS:
NARRATIVAS DE JOVENS
EM CONDIÇÃO DE VULNERABILIDADE**

Fábia de Castro Lemos (UNIGRANRIO/FIOCRUZ)
fabiaclemos@bol.com.br

José Carlos Sebe Bom Meihy (UNIGRANRIO)
jcarlosbm@hotmail.com

Joaquim Humberto Coelho de Oliveira (UNIGRANRIO)
jhumbertoo@uol.com.br

RESUMO

O presente trabalho é resultado da reflexão de entrevistas feitas segundo critérios da história oral de vida, com jovens da comunidade da Barreira em Rocha Miranda, Rio de Janeiro. Com objetivo de favorecer discernimentos capazes de sugerir caminhos para o reconhecimento da diversidade cultural do grupo possibilitando a elaboração de programas e projetos públicos educacionais na comunidade, definiu-se como prioritário o levantamento da potencialidade comunitária expressa pela experiência dos adolescentes. O apanhado de histórias pessoais funciona assim como base para o aproveitamento de manifestações informais que servirão de elos para a eleição de estratégias abertas a fornecer situações aptas aos diálogos com a formalidade escolar. Fator complementar, a soma das entrevistas tem como alcance pretendido o diagnóstico da comunidade ampliada, favorecendo assim a construção da identidade grupal. Trabalho com memória – individual e coletiva – se colocam como eixo para quebrar a imposição de conhecidos alheios ao meio. Por sua vez, este experimento visa dialogar com a política educacional em geral.

Palavras chave: Conhecimento. Espaços informais. Narrativas.

1. Introdução

A produção do conhecimento em espaços informais tem contribuído crescentemente para as múltiplas formas de concepção da educação, representando não só uma ruptura com as formas de produção do conhecimento estritamente institucionalizada, mas também agregando meios significativos de compreensão do indivíduo e sua interação com o meio social. É nesta vertente que o presente artigo busca analisar os meios de produção do conhecimento e criação em espaço urbano de periferia a partir da narrativa de jovens em condição de vulnerabilidade moradores em uma favela no bairro de Rocha Miranda, zona norte do Rio de Janeiro, identificando como essas criações mobilizam o grupo e seu diálogo com o espaço, onde proporemos uma reflexão que possa contribuir para a

compreensão do processo de criação dos jovens para além da concepção marginalizada dessas formas de expressão, a qual desqualifica, desmotiva, desvaloriza e desumaniza os jovens, desta forma, tomamos por base as digressões as quais compreendem a educação informal utilizando a favela como meio de formação desses sujeitos.

Finalmente, nos reportaremos às novas formas de construção dos sujeitos da periferia, de suas formas de expressão e linguagem como representação de uma nova cultura peculiar a permeada na diversidade de das relações sociais, considerados manifestos dialetos comunitário, e representando, para além da cultura periférica, formas de resistência na tentativa de reconhecimento e legitimação de identidades.

Considerando todo o arcabouço das narrativas, e as possibilidades de construção que emerge delas propomos a reflexão da necessidade de compreensão das formas de manifestação dos jovens para valorização de saberes e práticas no processo de conhecimento aquilatando a cultura urbana de periferia nas favelas abarcando assim o reconhecimento de identidade dos jovens em condição vulnerável, o que possivelmente possibilitará humanização desses espaços e a inclusão cultural desses jovens e da própria favela como espaço urbano criativo.

Para a sistematização e desenvolvimento do presente trabalho, nos reportamos as narrativas dos jovens na perspectiva da História Oral de vida Meihy (2011) e (2014), cotejadas ainda em conjunto com os escritos de Locke (1671), Zaluar (1998), Santos (2000), Benjamim (1996), entre outros autores referenciados.

2. O conhecimento na favela: entre o produtor e o produzido

Tecer uma análise das formas de conhecimento nas favelas não pode ser algo fácil, depende da compreensão de variáveis sejam elas urbanísticas, humanas, políticas, sociais, econômicas as quais permeiam a historicidade, bem como da diversidade de espaço que a priori se consolida nas bases da marginalização na tentativa de seguir ao lado do processo de desenvolvimento urbano, consolidando espaços como quilombos, favela e periferia, no sentido de uma ocupação as margens das regras ordinárias determinadas pelos embates das lutas de classe.

A crise no paradigma da educação e de outros tantos paradigmas epistemológicos os quais norteiam o processo de conhecimento, reclama novos espaços de reflexão para apreensão de práticas e saberes os quais

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

possam redimensionar o conhecimento, mediado através da educação, seja em ambientes formais da escola, ou informais das comunidades, sendo este último, o nosso campo de análise.

Um espaço concebido historicamente e socialmente como marginal, historicamente acolheu pessoas que identificando-se ou não com o meio, refletiram a imagética do lugar, restando um legado marginal imposto ao espaço, a pessoas e de tudo então atinente a esses grupos que por sua vez encontrou nessas restrições sociais meios de produção próprios, seja na música, seja nos grafites ou pichações (emotivas ou não), seja na dança, desenhos, em expressões que cada vez mais traduzem o pensamento, as posições, transmitem mensagens de pertencimento as quais integram o processo de sensibilização do cognitivo seja do indivíduo seja do grupo.

As experiências vivenciadas pelo grupo na comunidade geram predisposição e motivação para aprendizado diferenciado, consolidado no espaço informal comunitário, o que possibilita a apreensão de valores culturais emergentes, o que contribui para o estabelecimento de vias que adéquam o conteúdo e a capacidade de aquisição do grupo, otimizando essa capacidade, onde o conhecimento se consolida na perspectiva construtivista sócio interacionista, permeado pelos sujeitos da comunidade, e mobilizado em conjunto com as relações do meio social da comunidade ampliada.

Imagino que todo conhecimento seja fundado no sentido e derive, em última instância, dele ou de algo análogo, que pode ser chamado sensação, produzido pelos sentidos em contato com objetos particulares que nos fornecem ideias simples ou imagens de coisas. (LOCKE, 2013, p. 7).

É desta forma que o meio, o espaço da favela se demonstra como agente sensibilizador, formador do processo cognitivo que mediará os diálogos, produzindo diversidades historicamente constituídas e socialmente refutadas, colimando verdadeiros embates de reconhecimento das produções, as quais precedem de compreensão pela sociedade ampliada, na identidade dos sujeitos produzidos, garantindo assim a diversidade que emerge na democracia das expressões culturais comunitárias, onde o processo de construção do conhecimento encontra nas narrativas um subproduto das experiências que integram e ao mesmo tempo interage com os sujeitos.

3. Narrativas livres na busca da identidade dos sujeitos

Simplesmente não sabemos, nem nunca sabemos se aprendemos sobre a narrativa a partir da vida ou sobre a vida a partir da narrativa, provavelmente ambos... Mas ninguém questiona que aprender as sutilezas da narrativa é uma das principais maneiras de se pensar sobre a vida... (JEROME BRUNER)

A possibilidade que carrega a valorização das experiências através das narrativas no contexto do espaço informal, na promoção do processo de conhecimento, a partir de experiências individuais, permite o reconhecimento do arcabouço de saberes e práticas angariados pelo indivíduo, as quais não são cotejadas no espaço formal da escola, porém tão relevantes ou precedentes ao conhecimento produzido nos espaços formais. (SANTOS, 2000)

Neste aspecto o esquecimento do “eu” imposto pelas condições precárias encontrada em algumas favelas do Rio de Janeiro, dá espaço a uma riqueza que permeia a produção de um espaço culturalmente heterogêneo que reconhecido, pode emergir conhecimentos diferenciados e valorização do sujeito. As narrativas assumem papel fundamental no reconhecimento local, "melhores narrativas escritas são as contadas pelos inúmeros narradores anônimos". (BENJAMIN, 1996, p. 198)

O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida. (...) Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar luz ténue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. (BENJAMIN, 1996, p. 209)

As relações entre as experiências pessoais, sociais e no trabalho, emergem um mote enriquecido de possibilidades que surgem na compreensão das narrativas, à medida que são levadas em conta para entender melhor o meio social constituído da favela, os modos de vida e produção, consolidam importante função na rede do processo de conhecimento, é assim que a apreensão da narrativa como marca de todo arcabouço intelectual e cognitivo dos sujeitos, possibilita a construção de formas de práticas e saberes as quais dialoguem com a comunidade, potencializando o processo de conhecimento do local e da comunidade ampliada, abrindo espaço para programas e políticas públicas ou ainda para atividades que convoquem a organização social civil, integrando as diversidades.

O saber narrativo apresenta-se como caminho possível na concepção da produção de conhecimento a partir das experiências humanas e do encadeamento delas, é criação subjetiva onde as experiências são rememoradas, transmitidas e compartilhadas, impactando a rigidez epistemológica do conhecimento científico, que permeado pela busca da verdade absoluta desqualifica o papel das narrativas, direcionando a validade do processo de produção do conhecimento ao campo da objetividade, impingindo a crise e mudança no paradigma do processo cognitivo, que tenciona toda a subjetividade humana com a objetividade do resultado pretendido (KUHN, 2001). "(...) paradigmas são princípios ocultos que governam nossa visão das coisas e do mundo sem que tenhamos consciência disso (...)". (MORIN, 2012, p. 10)

A coexistência entre a necessidade da produção do conhecimento objetivo e a subjetividade inerente ao humano, emerge novas formas de compreensão epistemológica, carreado na objetividade relativa ou na objetividade subjetiva, onde as narrativas se mostram instrumento hígido na produção do conhecimento subjetivo, que bem compreendidas e encadeadas, possibilitam a produção de instrumentos objetivos de conhecimento.

Assim, se a partir das narrativas houver a compreensão dos meios de produção do conhecimento e do indivíduo na comunidade, certamente possível será delinear programas e políticas voltadas a potencialização dessas produções, o que viabilizará a proposta de indicadores de qualidade e desempenho das políticas ou programas implantados, ou seja, a partir da compreensão do subjetivo humano, é possível cotejar aspectos de ordem objetiva na consecução de ações que partem da fala dos sujeitos. Esse processo cíclico demanda valorização das narrativas, do narrador, das experiências pessoais de saberes e práticas não consignadas formalmente, do espaço, compartilhamento das narrativas, encadeamento das mesmas, o que consequentemente enseja a necessidade de reconhecimento da identidade dos sujeitos e seu valor na produção social, daí a hipótese de que as narrativas podem emancipar os sujeitos e aprimorar o potencial humano e social.

4. *Entre o reconhecimento da identidade pessoal e a inclusão cultural – criações e criadores*

O trabalho de compreensão da produção e da identidade de jovens vulneráveis reclama a concepção de uma visão ampliada de vida, mundo

e sociedade, para a concepção de um olhar mais humanístico que possa valorizar as manifestações populares de grupos e de seus saberes e práticas externadas, consolidando o arcabouço de uma cultura popular de periferia nas favelas que reclama reconhecimento.

O movimento voltado para a inclusão social tem obtido resultados questionáveis, se considerarmos que as propostas incluem transformação do espaço e de pessoas da comunidade através de intervenções para aplicação de instrumentos que reproduzem a lógica de construção de conhecimento institucionalizado refutando as produções e manifestações já existentes no local, consubstanciando uma “inclusão exclusiva no esteio da educação formal”, o que também guarda sua importância. (ROCHA, 2010)

A proposta de acolhimento cultural mediado pelas narrativas consiste na valorização de saberes e práticas da comunidade e potencialização das mesmas, ou seja, “compreender para reconhecer” negando a replicação de práticas de um processo de conhecimento e aprendizado as quais não conseguem mais alcançar a promoção da inclusão humana, e do reconhecimento de suas dimensões.

O reconhecimento da diversidade comunitária consignado nas ações de promoção e valorização das práticas e saberes oriundo das narrativas encontram na expressão individual e coletiva a criação de novos instrumentos artísticos que utilizam a música, a dança, o desenho e a escrita como veículos os quais traduzem as relações dos indivíduos com a comunidade, valorizando o campo simbólico da subjetividade da história oral de vida.

(...) experiência potencialmente revolucionária é repensar a burocracia do Estado com a intervenção do povo, a sociedade civil organizada em torno da valorização da vida e suas produções. Não adianta tanta tecnologia se não há acesso do “eu” e valorização das diferenças para garantia da construção das diversidades, mediante a visibilidade e valorização dos trabalhos de base da periferia. (Centro Cultural Plataforma, Subúrbio Ferroviário, Salvador, 2015).

A potencialização das criações produzidas na favela, através do acolhimento da cultura local, tem o condão de dimensionar para além do reconhecimento de identidades, as quais emergem da possibilidade de livre manifestação de expressões que capturam o direito subjetivo de revolução ou da liberdade fundada na objetivação de consciência articulando valores sociais, individuais e coletivos forjados na e pela comunidade, encontrando contornos pragmáticos na legitimidade do direito de resis-

tência constitucional preconizado no artigo 5º, inciso VIII da Constituição Federal de 1988.

5. *A busca da favela como espaço criativo humanizado*

A favela surge no fim do século XX, devido à desterritorialização dos negros alforriados por terem combatido na Guerra do Paraguai (1865-1870), que não tinham para onde ir nem para onde voltar e passaram a residir nos morros; à autorização dada aos praças que combaterem no conflito de Canudos em 1897 para que ocupassem provisoriamente os morros da Providência e de Santo Antônio; ou à destruição do cortiço Cabeça de Porco, em 1894, quando o prefeito Barata Ribeiro permitiu que os aproximadamente 4 mil moradores retirassem as madeiras do cortiço para que fossem aproveitadas em outras construções. (ROCHA, 2010, p. 10).

Analisar a favela, para além da representação de sua categoria, demanda uma retrospectiva de todo o processo de colonização, das tensões e embates produzidos na República, de assentamento de ex-escravos e ex-combatentes de guerra, notadamente no Rio de Janeiro, Capital Federal do Brasil (1891-1960), fomentado por um paradoxo que encontrou por um lado, na Política de extinção e destruição dos cortiços visando modelar a cidade com características europeias, e por outro acionando um gatilho irreversível para a proliferação e crescimento desordenado dos morros e áreas de várzeas da então capital colimado na pobreza desenfreada.

O incentivo governamental, na segunda metade do século XIX, para trazer trabalhadores aptos a substituir os escravos em prol do desenvolvimento industrial e econômico consolidou o Rio de Janeiro como a “Meca” das oportunidades, onde o movimento de migração e imigração protagonizado em boa parte pelos europeus (que germinaram as primeiras ideias de socialismo e anarquia) contribuiu para o aumento populacional do território formado, constituindo favelas, que ganha sua representação na irregularidade (área de habitações irregulares) e, portanto, sem condições sanitárias condizentes com a necessidade da população, daí a ideia de ser marcada como “lugar sujo” e depois no estranhamento do senso comum (asfalto x morro), consolidando a compreensão de que a favela é ruim, estranha, perigosa gerando a ideia de um inimigo oculto que necessita ser combatido e erradicado.

A noção de que a favela era habitada por “vagabundos e perigosos” ganha contornos com as atenções que o morro da Providência, primeira favela no Rio de Janeiro, atraía das autoridades que sempre faziam incursões e prendiam inúmeros moradores sob o fundamento de vadiagem e crimes⁸², o que fica claro em uma narrativa através de carta enviada ao chefe de polícia de uma dessas diligências:

(...) ontem me dirigiu relativamente a um local do Jornal do Brasil, que diz estar o morro da Providência infestado de vagabundos e criminosos que são o sobressalto das famílias no local designado (...) é ali impossível ser feito policiamento porquanto nesse local, foco de desertores, ladrões, praças de Exército, não há ruas, os casebres são constituídos de madeira e cobertos de zinco e não existe no morro um só bico de gás, de modo que para a completa extinção dos malfeitores apontados se torna necessário um grande cerco, que para produzir resultado, precisa de pelo menos um auxílio de 80 praças completamente armados. (ZALUAR, 1998, p. 10).

Ao longo dos anos, as estratégias públicas sejam voltadas para a educação, ou para urbanização, encontrou na cultura meio ideal de “intervenção” como ocorre atualmente em algumas favelas, que consiste em levar para a favela um “script” de atividades do que deve ser replicado, de tudo o que se espera desses moradores, promovendo uma inclusão social que reproduz valores pré-concebidos, na dinâmica de movimento de fora pra dentro, sem se cotejar as produções historicamente delineadas, a matriz étnica e cultural afetas e construídas no espaço. (BENCHIMOL, 1990)

(...) a composição dos habitantes em termos étnicos culturais, econômicos, as formas de moradia e condições de vida das favelas variaram muito em um século de existência, completado em 1997, mantendo seu potencial de alteridade sempre alto. Por isso a utilização da favela como espelho invertido na construção de uma identidade urbana civilizada tomou várias formas... (ZALUAR, 1998, p. 15)

O movimento de descentralização dos olhares das cidades, para a favela, na busca de expressões significativas encontrou a princípio na capoeira e no samba uma “escola” que emergiu valores que desceram para o “asfalto”, possibilitando a compreensão de uma realidade desconhecida narrada nas músicas e cantada nas rodas de capoeira, convergindo para outras manifestações culturais atuais como o funk, o pagode e o rap (*rhythm and poetry* / ritmo e poesia), onde cada uma das manifestações se compõe de outras espécies diferenciadas umas das outras.

⁸² Fonte: Arquivo Nacional, RJ, documento Ofício nº. 7071 de 04 de novembro de 1900. Carta do delegado da 10ª Circunscrição ao Chefe de Polícia do Rio de Janeiro, Dr. Enéas Galvão.

A compreensão dessas manifestações artísticas possibilita a projeção da comunidade e com isso transforma o estigma do espaço marginalizado, demonstrando as produções as quais tem o condão de reconhecer identidades e desconstruir a imagética da marginalização dessas produções, promovendo redes sociais e dimensionamento das produções da comunidade, ante ao reconhecimento de uma cultura peculiar, que dialoga com seu materialismo histórico.

6. *Considerações finais*

As narrativas emergem do contato e das experiências vivenciadas na favela, o contato com a realidade local e a compreensão da mesma ganha novos signos e contornos, algumas formas de violência no entendimento desses jovens, pode inspirar e motivar produções criativas de resistência a essa violência, o que fica evidenciado na fala de alguns entrevistados que se dedicam ao grafite emocional, o qual expressa nas paredes ideias, pensamentos, sentimentos, angústias, esperanças, saudades, e os descontentamentos, utilizando os espaços da comunidade como libertários de formas de expressão e diálogo local.

As experiências precisam ser cotejadas, que mediadas pelas narrativas são na dicção de Boaventura Santos (2000) construídas e pulsam no âmbito local das sociedades que podem colaborar com a construção de uma visão pós-moderna emancipatória da ciência, do direito e do poder.

A favela compreendida como espaço constituído, e que vem se mobilizando e se transformando com experiências seja através do trabalho, da arte, da música, do cinema, da poesia, mantém produções as quais carecem de reconhecimento não só pela questão de inclusão cultural dessas produções, mas porque tais produções consolidam um construto no exercício de um direito que busca nivelar as relações socialmente estabelecidas nas lutas de classe, utilizando as produções culturais do espaço da favela como fonte de capital humano de conhecimento, possibilitando a otimização na produção do conhecimento, a partir do entendimento do processo de conhecimento do próprio saber mediado pelas narrativas, o que possibilita a valorização da história oral dos sujeitos, bem como o reconhecimento de identidades das produções humanas como parte e extensão dos espaços da favela, compreendida à luz de nosso entendimento, como fonte primária do conhecimento epistemológico e pragmático sendo este o capital sócio, cultural e econômico produzidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussman tropical, a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes/ Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1990.

BENJAMIM, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: PIOUS, Jean-Pierre; SINIRELLI, Jean-François. (Orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Org.: Alexandre de Moraes. 16. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

BRUNER, Jerome. *O processo da educação*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1972.

LOCKE, Jonh. *Draft A: ensaio sobre entendimento humano*. São Paulo: Unesp, 2013.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Edusp, 2001.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

ROCHA, Daniella Guedes. *Da batalha à guerra do Rio: uma abordagem espaço temporal da representação das favelas na imprensa carioca*. Trabalho apresentado no XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu – MG, de 20 a 24 de setembro de 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.